

Uma presença marcante no processo de revitalização populacional, sociocultural e territorial: as Irmãzinhas de Jesus junto ao povo Apyãwa

*Mara Maria Dutra*¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

*Aumeri Carlos Bampi*²

Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo: Este estudo objetiva investigar a influência e a participação das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo indígena Apyãwa. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamenta-se em um levantamento histórico e entrevistas realizadas com 27 indígenas Apyãwa. A presença contínua dessas religiosas na aldeia, a partir de 1952, contribuiu decisivamente à sobrevivência dos indígenas, bem como à revitalização do povo e à preservação de seu modo de vida tradicional. As Irmãzinhas desempenharam um papel decisivo no cuidado com a saúde, na escolarização (especialmente no ensino da língua portuguesa) e na luta pelos direitos socioterritoriais. Os resultados desta pesquisa demonstram que a presença da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, ao longo de 65 anos, foi de grande relevância, uma vez que suas ações contribuíram para o crescimento populacional, a vitalidade étnica e a demarcação definitiva das Terras Indígenas Apyãwa.

Palavras-chave: Irmãzinhas de Jesus; Apyãwa; Amazônia; território.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Mestra em Ciências Ambientais (PPGCA/Unemat), licenciada em Pedagogia pela URI. Docente do IFMT, Campus de Barra do Garças.

² Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela USC, Espanha. Possui estágio pós-doutoral em Psicologia Social pela USP. Docente da Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) e Geografia (PPGGEO) da Unemat.

A significant presence in the process of population, sociocultural, and territorial revitalization: the Irmãzinhas de Jesus alongside the *Apyãwa* people

Abstract: This study aims to investigate the influence and participation of the Little Sisters of Jesus among the *Apyãwa* Indigenous people. This qualitative research is based on a historical survey and interviews with 27 *Apyãwa* individuals. The continuous presence of these religious women in the village, starting in 1952, contributed decisively to the survival of the *Apyãwa*, as well as to the revitalization of the people and the preservation of their traditional way of life. The Little Sisters played a crucial role in healthcare, education (particularly in teaching Portuguese), and the fight for socioterritorial rights. The findings of this research demonstrate that the presence of the Fraternity of the Little Sisters of Jesus over 65 years was of great relevance, as their actions contributed to population growth, ethnic vitality, and the definitive demarcation of the *Apyãwa* Indigenous Lands.

Key-words: Irmãzinhas de Jesus; *Apyãwa*; Amazonia; territory.

Una presencia notable en el proceso de revitalización poblacional, sociocultural y territorial: las Hermanitas de Jesús con el pueblo *Apyãwa*

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo investigar la influencia y participación de las Hermanitas de Jesús en el pueblo indígena *Apyãwa*. La investigación, de carácter cualitativo, se fundamenta en un estudio histórico y entrevistas realizadas con 27 indígenas *Apyãwa*. La presencia continua de estas religiosas en la aldea, a partir de 1952, contribuyó decisivamente a la supervivencia de los indígenas, así como a la revitalización del pueblo y la preservación de su modo de vida tradicional. Las Hermanitas desempeñaron un papel crucial en el cuidado de la salud, en la escolarización (especialmente en la enseñanza de la lengua portuguesa) y en la lucha por los derechos socioterritoriales. Los resultados de esta investigación demuestran que la presencia de la Fraternidad de las Hermanitas de Jesús, a lo largo de 65 años, fue de gran relevancia, ya que sus acciones contribuyeron al crecimiento poblacional, a la vitalidad étnica y a la demarcación definitiva de las Tierras Indígenas *Apyãwa*.

Palabras clave: Hermanitas de Jesús; *Apyãwa*; Amazonía; territorio.

Inúmeros indígenas, de diferentes grupos étnicos, habitavam o Brasil antes da chegada dos europeus. O contato com não indígenas resultou na redução e no extermínio de muitos povos, sendo um dos motivos as doenças trazidas do Velho Mundo, às quais os povos originários não tinham imunidade. Não se sabe quantos indígenas existiam na terra que viria a ser o Brasil. “Os cálculos oscilam entre números tão variados como 2 milhões para todo o território e cerca de 5 milhões só para a Amazônia brasileira” (FAUSTO, 2006: 38). Atualmente, de acordo com dados do Censo do IBGE 2022, existem 1.693.535 indígenas e 51,2% dessa população localiza-se na Amazônia Legal.

Entre esses indígenas, encontra-se o povo Tapirapé (que se autodenomina *Apyãwa*) residente na Terra Indígena (TI) Urubu Branco, localizada na região nordeste do estado de Mato Grosso. Assim como outros povos habitantes do interior do Brasil, o povo Apyãwa deslocou-se da costa brasileira ao interior em busca de proteção até chegar à Capitania de Mato Grosso por volta do século XVIII.

Em 1900 constituíam uma população entre 1.000 e 1.500 pessoas; no entanto, por volta dos anos 1950, quase foram extintos. Baldus (1970), Wagley (1988), Irmãzinhas de Jesus (2002) e Ribeiro (1956) apontam duas causas para esse quase aniquilamento. A primeira está relacionada às disputas territoriais com outros povos indígenas, especialmente com os Kayapó. A segunda quanto à expansão da fronteira nacional, por intermédio da qual tiveram seus primeiros contatos com representantes não indígenas da sociedade nacional. Essa aproximação trouxe inúmeras doenças às quais não tinham nenhum tipo de imunidade, como catapora, sarampo, varíola, gripes, simples resfriados. Registros desses autores indicam que houve uma acelerada depopulação e que, em 1947, o grupo de Apyãwa era constituído por menos de 50 pessoas. Nesse mesmo ano, após um ataque dos Kayapó, fugiram/abandonaram a aldeia Tapi'itawa; os sobreviventes se dispersaram para locais próximos da aldeia.

Em 1950, o responsável pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), juntamente com o auxílio dos padres dominicanos, reuniu as famílias originárias de Tapi'itawa, e uma nova aldeia foi constituída (Orokotãwa), perto do posto do SPI, mas era distante da antiga e muito próxima da dos Karajá. No ano de 1952, três irmãs da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, vindas da França, foram morar junto a eles. Quando chegaram, registraram apenas 47 pessoas, em precária condição de vida. A fraternidade religiosa esteve presente em meio aos Apyãwa por 65 anos e, durante esse período, sempre apoiou de distintas formas os indígenas.

Vários autores, como Casaldáliga (1971), Remy (2018), Tapirapé (1998), Baldus (1970) e Wagley (1988) descrevem a presença delas em meio aos Tapirapé: como e onde viviam, suas atividades diárias, sua fé cristã, a forma como praticavam o Evangelho, suas aprendizagens, seus ensinamentos, as relações interpessoais, os cuidados que tinham com os Apyãwa; enfim, as diferentes ações que realizaram enquanto conviveram com eles.

Na literatura, há um hiato quando se apresenta a seguinte pergunta: *de que forma a presença das irmãs da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus influenciou o modo de vida tradicional do povo Apyãwa, sua resistência e crescimento populacional?* O questionamento adquire um caráter de ineditismo e de originalidade do estudo, pois busca evidências de um encontro cultural fecundo entre uma cultura europeia de influência judaico-cristã e uma indígena autóctone ameríndia. A construção desses laços interculturais tão distintos adquire enorme relevância, em especial pelo resultado.

Pautada em um percurso metodológico que compreende pesquisa bibliográfica e histórica, entrevistas com indígenas Apyãwa, e ancorada na noção de hibridismo cultural de Canclini (1998), Burke (2003) e Cardoso (2008), a pesquisa foi dirigida com a finalidade de compreender como a vivência das Irmãzinhas de Jesus em meio aos Apyãwa, influenciou o modo de vida tradicional desse povo.

A relevância deste estudo pode ser demonstrada por buscar compreender em profundidade como um processo sociocultural interativo entre uma cultura cristã europeia e uma comunidade originária constituem um processo de confluência que se mostra significativo à revitalização sociocultural indígena e reapropriação socioterritorial.

O surgimento da congregação, sua atuação, a chegada ao Brasil e o encontro com os *apyãwa*

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, fundada na Argélia em 1939, por Magdeleine Hutin, tinha como finalidade atender comunidades isoladas e vulneráveis. Seguiu os princípios do missionário francês Charles De Foucauld, que viveu junto aos nômades do deserto do Saara com total respeito pela alteridade (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002; REMY, 2018)

Vindas da França, as religiosas Genoveva (Geneviève Hélène Boyé), Denise e Clara, chegaram ao Rio de Janeiro em junho de 1952, e de lá foram para Conceição do Araguaia (PA), em julho de 1952. Foram acolhidas no colégio das irmãs dominicanas, onde aprenderam português e sobre diferentes tipos de plantações e seus cuidados. Clara estudou as plantas medicinais; Genoveva e Denise, a fiar algodão, a socar arroz, andar a cavalo. Ao mesmo tempo, fabricavam sabão para lavar vestimentas e utensílios, organizavam o inventário de provisões, tecidos e medicamentos que iriam levar, mandaram confeccionar suas sandálias, participaram de pescaria, organizaram materiais necessários para montar a capela. Frei Gil, um padre dominicano da Prelazia de Conceição do Araguaia, as acompanhou, trouxe muitas caixas e pacotes para instalação delas em meio aos Tapirapé.

No dia 20 de setembro de 1952, partiram de Conceição do Araguaia à aldeia dos Tapirapé. Durante a viagem, passaram com dificuldade por diversas cachoeiras, viveram momentos de angústia e de tensão. Experimentaram um mundo novo, pois, apesar da presença de onças, de possíveis jacarés e de cobras, dormiam em pequenas praias, substituindo camas por redes. O calor era intenso e a presença de mosquitos, constante. Conforme prosseguia a viagem, iam encontrando: *“muitas casas pobres, algumas sem paredes, ao lado de outras de alvenaria. É grande a miséria, há muitas pessoas doentes e deficientes, e a higiene é precária”* (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 46). Os missionários dominicanos já estavam na região do Araguaia em meio às aldeias dos Tapirapé desde o início do século XX. Devido à presença constante desses religiosos, até a chegada das irmãzinhas todos os Apyãwa haviam sido batizados (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002).

No dia 5 de outubro de 1952, Genoveva³, Denise e Clara chegam à aldeia Tapirapé, com Madalena Hutin (fundadora da congregação), para darem início a uma nova fraternidade – a primeira a ser criada na América Latina (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002; REMY, 2018). Quando elas se estabeleceram em meio aos Tapirapé, somavam menos de 50 indivíduos, localizados na Aldeia Nova. Eram os remanescentes do último ataque dos Kayapó realizado na aldeia Tapitawa em 1947.

Um povo isolado e debilitado acolheu as Irmãzinhas de Jesus: aprendizado, convivência e partilha de vida

A fundadora da fraternidade, irmãzinha Madalena, tinha um pensamento simples: “*elas se farão Tapirapé para, daqui, irem aos outros e amá-los... Mas serão sempre Tapirapé*” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 13). Com esse propósito, as religiosas construíram sua casa conforme as da aldeia, aprenderam com os membros da comunidade (crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres) o idioma Tapirapé. Entre as duas culturas, havia um grande abismo e, em várias situações, as diferenças eram antagônicas. Buscavam água no rio da mesma maneira que as mulheres Apyãwa – com latas na cabeça. A comunidade ajudou na construção de sua casa. Conforme faziam os indígenas, as irmãzinhas limpavam e cultivavam suas próprias roças – com auxílio ocasional de alguns indígenas –, pois, de acordo com o ideário da congregação, esperavam exercer o partilhamento pelo exemplo vivido (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002; WAGLEY, 1988).

Durante o período inicial, amizade e partilha representavam mais do que fazer, aprenderam muito, mas encontraram diversas dificuldades. Novas atividades passaram a fazer parte da rotina diária das irmãs (Quadro 1).

O respeito, a troca, o convívio quotidiano tornou-as integrantes da família Tapirapé e, com o passar dos dias, faziam parte da aldeia. Os indígenas sentiam-se responsáveis por elas, confirmando o que a fundadora Irmãzinha Madalena havia dito: elas se tornaram Tapirapé e, assim, cada vez mais, a partilha e as trocas diluíam as fronteiras culturais.

Material e métodos

Ao se propor descrever sobre a função, importância e força da presença das Irmãzinhas de Jesus em meio aos Apyãwa, o estudo fez uso da pesquisa qualitativa com uma abordagem descritiva, realizada em dois momentos.

Primeiramente, foi feita uma análise da obra intitulada *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus*, de Charles de Foucauld, publicado pela editora Salesiana no ano de 2002, constituída a partir de relatos das irmãs. Esse livro compila excertos dos diários, entre os dias 02 de julho de 1952 a 31 de dezembro de 1954. Uma leitura minuciosa possibilitou encontrar aspectos relevantes no modo de vida dos Apyãwa, a partir da presença das irmãs, bem como sua importância para esse povo.

³ Genoveva e Denise, recém-saídas do noviciado (período de aprendizado e da formação religiosa que se submetem os que desejam professar uma fé), e Clara ainda postulante (tempo de preparo religioso que antecede o noviciado). Clara era enfermeira e, durante sua estada em Conceição do Araguaia, aprendeu no posto de saúde das irmãs dominicanas sobre o uso de plantas medicinais.

Quadro 1 – Alterações no modo de vida das Irmãzinhas da Fraternidade de Jesus. Fonte: Elaborados pelos autores a partir da obra *O renascer do povo Tapirapé: diário das irmãzinhas de Jesus*, (2023)

| Aprenderam | Atividades que fizeram parte do seu dia a dia |
|--|--|
| Pescar com e como eles, fazer jirau de lenha e bambu a fim de cozinhar e defumar carnes e peixes, jirau para suas hortaliças, fazer <i>kawi</i> ⁴ , farinha, confeccionar <i>peyra</i> ⁵ , esteira, farinha, brocar a roça, cortar o mato rasteiro para preparar o terreno para o plantio (é um trabalho pesado), a cozinhar como eles, andar de canoa, cortar lenha, a fazer sua roça (desmatar, coivarar, plantar, cultivar), a comer como os <i>Apyãwa</i> , fazer farinha de peixe, pilotar e consertar seu barco, pilotar <i>ubá</i> ⁶ , participar das danças, Clara aprendeu fazer peneiras. | Ir à roça, cuidar da casa, preparar seus alimentos, costurar para os <i>Apyãwa</i> . Acompanhar os <i>Apyãwa</i> nos acampamentos de pescaria e roças. Assim como as mulheres <i>Apyãwa</i> , elas também fazem os alimentos para os rituais. Tratam com vacinas e medicamentos os <i>Apyãwa</i> , os Karajá e os sertanejos das redondezas de enfermidades como: dor de barriga, malária, coqueluche, sarampo, gripe, tosse, febre, hérnia umbilical, dor de dente, ferimentos, picada de aranha e de cobra, fazem curativos. Na vida religiosa fazem rezas, vigílias de adoração, cantos das missas, rezam o terço fazem retiros, matinas ⁷ . |
| Partilha e cuidados dos <i>Apyãwa</i> | Dificuldades |
| Eles caçam, pescam e buscam mel para elas. Com frequência, os <i>Apyãwa</i> lhes davam produtos alimentares de suas roças, diversos tipos de peixe e carne de caça como: porco selvagem, tatu, anta, macaco, jacaré, tartaruga, veado, jaboti, jaburu, mutum, tamanduá, onça, anta, passariño. Ao saírem da aldeia, deixam seus tesouros (materiais de valor) na Fraternidade. Não as deixam ir sozinhas à roça, em viagens e na maioria dos passeios. Eles se sentem responsáveis por elas | Não comungar, pois só havia missas quando algum padre as visitava. Dedos feridos de ralar a mandioca para fazer a farinha, bolhas nas mãos de trabalhar, muito calor e mosquitos, queimaduras do sol, sentem cansaço diante do conjunto das atividades. Sentiram medo de animais selvagens, de dormir na praia durante viagens, de se perder na mata. Tomar chuva em suas atividades diárias, privações alimentares, isolamento e ausência de notícias do “mundo”, distância de suas roças, de pilotar o barco, lavar roupa no rio. |

Para o segundo momento, foi realizada uma coleta de dados, junto com os *Apyãwa*, residentes na TI Urubu Branco, que se localiza a nordeste do estado de Mato Grosso, a aproximadamente 1.100 km da capital Cuiabá. De acordo com dados do site *Terras Indígenas no Brasil* (2023), a TI Urubu Branco localiza-se na Amazônia Legal, sua cobertura é composta pelos biomas Amazônia (56,27%) e Cerrado (43,73%) e pertence à bacia hidrográfica do Araguaia. Possui uma área de 168 mil hectares, disposta entre os municípios de Confresa, Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha.

O número de aldeias dos *Apyãwa* variou no decorrer dos tempos. No momento da coleta de dados, foi possível verificar que a TI é constituída por oito aldeias: *Tapitãwa* (Urubu Branco), *Akara'ytãwa* (Santa Laura), *Tapiparanytãwa* (Córrego da Onça), *Towajaatãwa* (Sapeva), *Myryxitãwa* (Buriti), *Wiriaotãwa I* (Codebra I), *Wiriaotãwa II* (Codebra II) e *Inataotãwa* (Santa Luzia). De acordo com informações do cacique geral, em dezembro de 2023, a população dos *Apyãwa* residentes na TI somava 1.004⁸ pessoas.

A coleta de dados ocorreu por meio de 27 entrevistas com lideranças indígenas, entre os meses de novembro de 2023 a janeiro de 2024. Participaram da entrevista representantes das oito aldeias. A escolha dos entrevistados foi realizada após conversa com o cacique geral que explicou o conceito de liderança⁹ indígena. A partir dessa definição, indicou nomes de diferentes tipos de lideranças que poderiam ser convidadas a participar do estudo. Dessa forma, procuramos

⁴ *Kawi* ou *cauim* é uma bebida preparada a partir de arroz, mandioca, milho, amendoim, batata-doce.

⁵ Cesto feito com folhas de palmeiras, amarrados por uma embira (fibra vegetal que serve de liame).

⁶ Canoa de uma só peça, escavada no tronco de uma árvore

⁷ Orações longas de salmos e leituras bíblicas realizadas durante a madrugada.

⁸ A população distribui-se nas oito aldeias da seguinte forma: 542 na Urubu Branco, 70 na Santa Laura, 87 na Buriti, 21 na Santa Luzia, 151 no Córrego da Onça, 51 na Sapeva, 27 Codebra I e 55 na Codebra II.

⁹ São muitas as *lideranças indígenas*, por isso citaremos apenas algumas: o cacique geral e os caciques de cada aldeia, os anciões, os indígenas que trabalham com saúde e educação; aqueles à frente de associações, os que coordenam algum projeto, os (as) pajés, chefes de cerimônia e mais tantas outros que representem a cultura indígena.

abranjer o maior número possível de lideranças, para que a amostra fosse suficiente para atingir um universo qualitativo e heterogêneo de atores sociais.

As entrevistas foram realizadas nas aldeias, com uso de gravador e, posteriormente, transcritas. Compostas por questões semiestruturadas, os assuntos das questões foram agrupados por categorias, para uma posterior análise de conteúdo, que se deu de forma qualitativa. Para garantir o anonimato dos participantes indígenas, seus nomes não foram divulgados, mas designados pela letra EI de “Entrevistado Indígena”, acompanhado do número 1 (um) a 27 (vinte e sete), que é o total de entrevistados (EI1, EI2, EI20). As falas dos entrevistados foram escritas sem correções, ou adequações para a língua portuguesa culta, ou seja, mantida a forma pela qual eles se pronunciaram.

Este trabalho respeitou as diretrizes e normas de pesquisa com seres humanos, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob o Parecer 6.309.248 e enviado ao CEP/CONEP, que a deferiu por meio do Parecer 6.581.595

Discussão de dados

Como o estudo ocorreu em dois momentos, também a discussão de dados dar-se-á em duas seções distintas. A primeira é intitulada *Convivência diária: hibridismo cultural*, quando é realizada uma análise da obra *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus*, de Charles de Foucauld (2002), levando em consideração a convivência das irmãzinhas com os Apyãwa. Na segunda seção, denominada *Percepções dos Apyãwa em relação às Irmãzinhas*, é apresentado o que pensam os 27 indígenas entrevistados em relação à presença das religiosas em seu meio.

Convivência diária: hibridismo cultural

Em seu diário, as irmãzinhas relatam que, ao chegarem à aldeia, Dom Luiz Palha, bispo da Prelazia de Conceição do Araguaia e os Apyãwa esperavam-nas à beira do rio. Havia preparado uma “avenida”, cortado as árvores e mato, em uma largura de seis metros, para que elas pudessem caminhar sem obstáculos. Além disso, prepararam uma roça com plantio de mandioca e banana (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 51).

Fazer uma “avenida” para que pudessem chegar à aldeia, realizar o plantio de uma roça era algo novo para o povo *Apyãwa*, pois era a primeira vez que estavam recebendo pessoas não indígenas que iriam residir constantemente com eles. Essas ações remetem ao hibridismo cultural, pois, para Cardoso (2008: 79), o “hibridismo cultural é um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando resultam em contatos permanentes entre grupos distintos”. Diferentes formas de agir ocorreram entre os Apyãwa e as irmãs desde o primeiro contato.

Ao receber as irmãs na aldeia, vários elementos inerentes à sociedade europeia foram introduzidos à cultura Apyãwa. Muitas foram as alterações observadas na cultura tradicional. Descrevem ainda que Taywi emprestou sua casa e todos os moradores da casa dele se mudaram para a casa de seu irmão. Outro exemplo de hibridismo cultural ocorreu durante a construção da casa das irmãs, quando os Apyãwa encontraram dificuldades para construir portas e armários, pois não conheciam ou não utilizavam. Disseram as Irmãzinhas (2002: 72): “*Nossa casa lhes deu várias ideias: uns fazem portas, outros, prateleiras, ou paredes só envaradas. Cada um parece ter vontade de ter uma casa com vários cômodos e paredes*”

interiores. E Taywi faz uma porta igual a nossa em sua casa” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 88).

As casas comunais eram o padrão, abrigando famílias extensas, sem portas e sem repartições; o uso de portas nas moradias, a repartição da casa em cômodos era um elemento da cultura europeia, trazido pelas irmãzinhas. Implica dizer que as culturas são dinâmicas e inserem elementos novos à medida que seus membros os experimentam e aderem a eles. Vários exemplos de alteração nas relações entre o modelo tradicional e a modernidade podem ser observados no Diário da Irmãzinhas.

No Quadro 2 são apresentados alguns excertos da obra das Irmãzinhas de Jesus (2002), quanto às questões culturais.

Quadro 2 – Excerto indicativo de alteração. Fonte: Elaborados pelos autores a partir da obra *O renascer do povo Tapirapé: diário das irmãzinhas de Jesus*, de Charles de Foucauld (2002)

| Excerto indicativo de alteração | Pág. |
|--|------|
| Quinta-feira, 22 – Vários Tapirapé nos dizem que foram os Karajá que causaram a morte de <i>Warinimytygi</i> , jogando feitiço nele. Já estávamos suspeitando que eles acreditavam nisso, pois estão se recusando a trocar roupas e outros objetos com os Karajá. Tentamos explicar que isso não deve ser verdade, mas não os convencemos. | 83 |
| Então, vamos sozinhas à roça fazer nossas plantações, e uma família se surpreende ao nos ver passar. As mulheres Tapirapé não ousam andar assim. | 87 |
| [Genoveva, Denise e quatro casais com seus filhos fazem uma viagem a Santa Terezinha e Grisota] <i>Xario</i> também estava só, porque a mulher dele foi conosco. Pela primeira vez uma mulher Tapirapé saiu da aldeia sem o marido... Parece que esse fato inédito só foi possível porque ele confiou na nossa companhia. | 145 |
| <i>Xario</i> e <i>Patxua</i> vêm à Fraternidade, e ela se propõe a dormir aqui todas as noites durante a ausência de Genoveva Inês. Não tínhamos pensado em pedir isso a nenhuma mulher da aldeia, pois sabemos que não costumam dormir fora de casa. | 223 |
| Segunda-feira, 27 – Clara vai ao lago buscar água e volta com uma lata de 20 litros na cabeça e outra de 10 na mão! Encontra <i>Arapaxygi</i> que lhe diz: “Deixe uma que eu levo para você”. É a primeira vez que isso acontece. Carregar água é trabalho das mulheres, mas ele ficou com pena quando a viu levando um peso excessivo”. | 126 |

Ao “estar” no meio dos Apyãwa, as irmãs modificaram dinâmicas sociais, introduzindo, de certa forma, elementos de modernização social, pois foram alterando a sociedade Apyãwa. Quando foram sozinhas à sua roça, novas rotinas foram vistas pelos indígenas, pois, em sua cultura, talvez esse fato não pudesse ser até mesmo imaginável. De igual forma, foram alterados alguns costumes quando, pela primeira vez, uma indígena saiu da aldeia, sem a presença do marido, ou quando se propôs a dormir fora de casa.

Houve uma mudança em relação à cultura tradicional e ao novo modo de vivência, causado pela presença das irmãs, que começou a fazer parte da cultura dos Apyãwa. Porém, de acordo com Canclini (2011: 22), “hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos”. Para o autor, culturas étnicas e novas tecnologias coexistem, assim como novas e velhas formas relacionais.

Quando elas tentaram explicar que feitiço não existe, fica evidente a questão das diferenças culturais, e da tentativa de ver o mundo de outro modo, a partir de uma visão influenciada pela ciência ocidental. Para os Tapirapé, a crença em feitiços faz parte de sua mitologia, que, por meio de um sistema de narrativa de crenças, busca explicar determinadas situações. Essa forma de interferência é

vista por Canclini (2011) como diferente abordagem do que é visto como tradicional (pensamento indígena) e do que é moderno (pensamento das irmãs). No entanto, a partir do momento em que elas se propõem a conviver com eles e, ao conhecerem melhor sua cultura, passaram a valorizar suas características étnicas e culturais. Assim, as relações entre moderno e tradicional foram mescladas e se entrelaçaram quando, por exemplo, um indígena do sexo masculino se propôs a realizar uma tarefa que sempre foi realizada pelas mulheres.

Quanto à cultura alimentar, vários momentos são descritos, conforme excertos a seguir: Mariapawygi, *a mulher de Xako'iapari*, “*está esperando criança e teve que desmamar o filho de pouco mais de um ano. Mas Ampora não está se dando bem com o novo regime alimentar. Então, vamos diariamente ao SPI buscar leite para ele*” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 23).

Como agora há leite no SPI, vamos todos os dias buscar um litro ou dois para as crianças. Só os meninos tomam, as meninas não podem por causa das prescrições alimentares. Misturamos um pouco de farinha com o leite, e eles acabam gostando. (*idem*, 2002: 129)

Essas situações são típicas da cultura europeia, justificada pela grande preocupação das irmãs em relação ao estado de saúde das crianças. Na Europa, o leite de vaca já era essencial para o desenvolvimento dos pequenos.

Outros exemplos de coexistência de culturas étnicas e novas práticas em relação à saúde estão presentes nos seguintes excertos do diário das irmãzinhas: [Durante a realização de um parto]: “*Os remédios, variados, vão do feijão para esfregar na barriga da mãe até uma injeção dada por Clara*” (2002: 130). Taywi *foi buscar Irawyo, “um dos mais velhos e único pajé que resta. Aliás, a medicina tradicional tapirapé não exclui a outra, a dos tori*” (2002: 153).

Em relação à saúde, a presença das irmãs na aldeia, foi responsável pela cura de muitos indígenas (Apyãwa e Karajá) e sertanejos, especialmente pelo fato da irmã Clara ser enfermeira, e com a vinda (tempos depois) de Genoveva Inês, que também era enfermeira. Tratavam com vacinas e medicamentos casos de dor de dente, coqueluche, malária, sarampo, gripes, resfriados, picadas de arraia e cobra, ferimentos, diarreia, entre outras enfermidades. Vários são os relatos em seu diário, que remetem a novas formas de cura, nunca vistas ou oferecidas anteriormente. “*Começamos os tratamentos, dando vitaminas aos doentes. É preciso providenciar para alguns*” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 182), os Apyãwa estavam enfrentando uma epidemia de sarampo. Relatam que, para melhor cuidá-los, construíram um ambulatório na varanda de sua casa.

Durante a análise da obra, diversos elementos de inserção religiosa foram encontrados. Na casa das irmãs, foi construída uma capela com altar, cruz, um sacrário com o Santíssimo Sacramento. Ainda em relação a questões religiosas, Naïmi, (2011) descreve que, quando as irmãs chegaram, tinham uma postura catequizadora, e práticas cristãs foram apresentadas aos Apyãwa de forma ostensiva. Durante duas décadas, elas tentaram “contar” sua fé aos Tapirapé (REMY, 2018). A rotina religiosa, bem como a introdução de elementos religiosos não conhecidos pelos indígenas, está presente em diversos momentos no diário. Descrevem que, toda vez que algum padre chega à aldeia, missas são celebradas, na capela das irmãs e contam com a presença dos Apyãwa, crianças repetem cantos; durante um sepultamento leram orações; batizados¹⁰ foram realizados na capela da Fraternidade com a presença de Apyãwa e de Karajá; terços eram rezados na capela e reuniam os indígenas; nos acampamentos, havia momentos de oração.

¹⁰ Momento em que indígenas recebem nome cristão.

No dia 19 de outubro de 1953, consta em seu diário, página 160: “À noite, conversamos sobre nossa vida aqui. Falamos sobre nosso grande desejo de ver um dia os Tapirapé professarem a fé cristão e conhecer realmente Nosso Senhor Jesus”. Naquela época, a conversão dos povos indígenas era uma meta da prática missionária, mas, a partir do Concílio Vaticano II¹¹, passou-se a aceitar e respeitar a religião tradicional dos povos indígenas.

Escrevem no diário que, no dia 1º de novembro de 1953 (Dia de Todos os Santos), entraram em todas as casas e acenderam velas e rezaram, diante dos túmulos¹², e que alguns Apyãwa as seguiram. Essa forma mais ostensiva de demonstrar suas práticas religiosas fez parte de uma fase quando predominava uma postura catequizadora, que “com o tempo, e sobretudo após a criação do CIMI, optou-se pela não interferência da religião tradicional e pelo diálogo inter-religioso” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 227).

No entanto, mesmo com essa forma mais ostensiva de evangelização, durante os primeiros anos que estavam entre os Apyãwa, desde que chegaram à aldeia, elas se propuseram a um modo novo de evangelização, que contava com o respeito aos costumes e à religião dos indígenas, contrastando com as experiências missionárias colonialistas conhecidas por eles no passado. Em muitas situações o “novo modo de evangelização” já estava presente, desde a chegada delas na aldeia, pois havia a interação de diferentes mundos culturais, haja vista quando, ao mesmo tempo, as irmãzinhas e os pajés, cuidavam da saúde dos Apyãwa. Existia uma relação de reciprocidade em relação às crenças e aos ritos de cura do mundo dos pajés.

Em sua missão, o ser e estar entre os Apyãwa descreve muito mais do que fazer. Junto a eles aprenderam e ensinaram um modo novo de ser, de viver com/como eles. A afirmativa nos remete ao conceito de *hibridismo* de Cardoso (2008: 79):

Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; houve outro tipo de música e dança em outro ritmo. O ritmo que trouxe une ao que encontra e inicia o processo de hibridismo cultural.

Da mesma forma que elas influenciaram os indígenas, também foram influenciadas por eles, pois ocorreram diferentes formas de fusão cultural. Pelo fato delas terem ido morar com eles, é possível descrever o processo intercultural, como um processo de cruzamento de fronteiras. A identidade de ambos foi transformada, pois os sistemas culturais que os rodeavam, de alguma forma, passaram por modificações, devido à convivência entre pessoas de diferentes culturas e nacionalidades. Burke (2003) descreve que, no processo de hibridização cultural, ideias, objetos e práticas de fora são absorvidas/ordenadas por outra cultura.

Percepções dos Apyãwa em relação às Irmãzinhas

A partir da entrevista realizada com os 27 participantes do estudo, foi possível levantar o perfil dos respondentes. Consta-se que 51,85% são do sexo masculino e 48,15% do sexo feminino. A idade dos(as) entrevistados(as) varia entre 18 a 75 anos, apenas quatro pessoas são solteiros(as). A maioria (66,66%) reside na aldeia *Tapi'itawa*, visto que é a maior de todas.

¹¹ Foram realizadas quatro sessões, entre outubro de 1962 a dezembro de 1965.

¹² Apyãwa são enterrados em suas casas.

Quanto ao grau de instrução (lideranças indígenas), há uma variação, visto que os anciões, no passado, não tiveram a oportunidade de escolarização, pois não havia escolas para os Apyãwa. Assim, dentre os participantes temos: uma pessoa com doutorado em andamento, três mestres, dois com especialização *lato sensu*, cinco com nível superior, uma cursando nível superior, cinco com ensino médio, uma cursando o ensino médio, uma com ensino fundamental, duas com ensino fundamental incompleto, seis pessoas que não tiveram oportunidade de estudar.

As questões semiestruturadas da entrevista versam sobre o convívio dos entrevistados e do povo Apyãwa com as irmãs, o cotidiano delas, a forma delas se relacionarem com os indígenas e dos ensinamentos que tiveram com elas. Os 27 entrevistados demonstraram grande gratidão, quando questionados sobre a presença das irmãs em meio ao povo Apyãwa. Durante a longa estada entre eles, muitas lembranças vieram à tona no momento da conversa e vários aspectos da vivência entre eles foram revelados. É unânime a questão de que elas realmente se tornaram Tapirapé, pois, as *“irmãs viveram com nós, junto, igual nós, ela trabalha, fazia roça”* (EI1). A afirmação corrobora o pensamento inicial da irmãzinha Madalena Hutin, fundadora da Fraternidade, que em 1952 dizia que *“elas se farão Tapirapé”* (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 13).

Quando chegaram, os Apyãwa moravam na aldeia Orokotãwa; eram apenas 47, pois estavam em vias de extinção. O EI2 lembrou que, quando foram reunidos nessa aldeia, tiveram uma grande proximidade com não indígenas, propiciando que várias doenças se propagassem, dentre as quais, sarampo, catapora, coqueluche. De acordo com EI9, a *“doença foi um dos fatores que mais levou à extinção, porque naquela época, a gente tava um só família, né? e com a vinda das irmãs, tudo mudou, pois elas cuidavam dos Apyãwa”*. EI1 explica que *“Elas foi importante porque elas ajudava nós, cuidava assim de dar remédio, quando pegava doença. E ela ajudaram muito nós, e ela orientava nós também”*.

Baldus (1970) e Wagley (1988) escrevem que, em virtude de diferentes contatos interculturais (interétnico e com não indígenas), houve muitas mortes, provocadas por doenças como sarampo, gripe, catapora, resfriado e varíola. *“Então tava morrendo muita gente por causa da gripe, né catapora, e aí eles [irmãs] tinha medicamento, eles tinha prática de saúde, né?”* (EI6). EI10 cita que elas *“acompanhava com as pessoas que teve passando com a epidemia também, ela acompanhava”*.

Quando o entrevistado se refere que *elas tinha a prática de saúde*, certamente refere-se às habilidades da irmã Clara e Elizabeth que eram enfermeiras. Logo que chegaram à aldeia, era uma prática comum das irmãs medicarem as pessoas (“pacientes”). Em seu diário, há vários relatos sobre epidemias que afetaram a sociedade Apyãwa, e sobre os cuidados de saúde que realizavam tanto com os Apyãwa, quanto com os Karajá e com os sertanejos da vizinhança.

Percebe-se a importância da presença das irmãs, pois, naquela época, os Apyãwa não tinham acesso a um sistema de saúde que pudesse garantir meios adequados diante dos riscos das epidemias. A situação era tão precária que, antes da chegada das irmãs, não tinham sequer acesso a medicamentos. Durante a entrevista, o EI23, muito emocionado, lembrou que *“sarampo quase acabou com o Tapirapé, né? Aí veio de lá um irmãzinha, lá de francesa, né? Ele veio cuidar, ele que trabalhava muito lá, cuidava pessoal, né? Irmãzinha de Jesus cuidava muito. Ele já me cuidou também, né? Quase morri também, lá na Orokotãwa”*.

Os casos de doenças, aliados à descaracterização cultural, foram fatores que explicam a progressiva redução populacional que praticamente levou os Apyãwa

à extinção. De acordo Darcy Ribeiro (1956), cada povo indígena que entrou em contato com a sociedade brasileira foi incluído em um círculo de contágios com um alto índice de mortalidade, pois doenças corriqueiras a não indígenas, apresentam efeitos letais sobre populações indígenas, que a experimentam pela primeira vez.

Ribeiro (1956) acrescenta que os grupos indígenas em convívio com os “civilizados” adotavam novos hábitos alimentares, abandonando antigas fontes de suprimento que lhes garantiam o vigor físico, causando desequilíbrio dietético, devido a deficiências alimentares. Dentre os problemas que essa descaracterização cultural implica, o autor cita que surgem distúrbios motores, lesões oculares, queda geral da robustez, dentes cariados e malformados, entre outros.

Em relação aos Apyãwa, Ribeiro (1956: 37) afirmou que o impacto da civilização explica o decréscimo desse povo, que se encontra em vias de extinção; porém, a chegada das irmãszinhas na aldeia mudou essa realidade.

Mas só que depois que chegaram as irmãszinhas, aí eles cuidavam dos paciente, né? Porque já tava quase acabando nosso povo (...), elas vieram, cuidaram do nosso povo, medicaram naquela época. As irmãszinhas pra nós é a mãe, né? Que a gente fala. Porque eles eram pessoas muito importantes, especial para nós, porque eles ajudou, ajudaram muito, né? E através dela que nós estamos crescendo da população. (EI9)

Nessa mesma linha de pensamento, o EI10 disse que as irmãszinhas realizaram um trabalho, muito para aumentar a população do povo, foi um trabalho muito difícil, mas ela conseguiram essa população, chegar hoje, com aproximadamente mil pessoas, então é uma conquista muito grande que ela fez. Assim como EI9 e EI10, todos os participantes do estudo têm a percepção de que o trabalho realizado por elas implicou diretamente em um aumento populacional.

Em entrevista ao Jornal Alvorada da Prelazia de São Félix do Araguaia (2007), Genoveva de Jesus (Veva) disse que: “desde o começo tinha claro que nossa presença era para ajudá-los a serem eles mesmos, terem confiança em si mesmos, essa era nossa missão(...). Hoje eles nos chamam mães de criação” (REMY, 2018: 84), pois, de um jeito simples, assumiram a vida do povo Apyãwa, trataram-nos com amor, dedicação, cuidados e medicamentos. Evangelizaram com o testemunho de vida, com práticas simples e, por meio de seus exemplos, os Apyãwa sobreviveram ao extermínio, e em sinal de gratidão são chamadas por eles de “mães de criação”.

Muito reduzidos, morando em uma aldeia nova, e diante de um mundo novo, cheios de ameaças, sentiam a necessidade de aprender a língua portuguesa, para que pudessem lutar por seus direitos. Seis entrevistados afirmaram que a língua portuguesa lhes foi ensinada pelas irmãszinhas. Coube a elas fomentar uma visão política, que era ensinar também, ensinar com a língua portuguesa, né? Falar na língua portuguesa e tentar ver como o povo Apyãwa vai estar se organizando com a política, próprio da sua aldeia (EI10). O EI12 expressa um sentimento de gratidão, pois o povo Apyãwa, também agradece muito a irmãzinha devido esse ensinamento de falar português.

O domínio da escrita e leitura da língua portuguesa era uma dificuldade enfrentada pelos Apyãwa. EI8 lembra que, quando era criança, não existia escola, mas, com o passar dos anos, era necessária, pois precisavam ter o domínio da leitura e da escrita para conhecer e garantir seus direitos. Da mesma maneira, EI2 lembrou-se do período em que era criança, e que expuseram para as irmãszinhas a necessidade de aprender a língua portuguesa e de estudar:

A irmãzinha também chegou em 52. E aí ficou com nós até que nós crescemos, né? E aí nós pensamos de estudar né? Falamos de escola, e as irmãzinha não quiseram fazer escola, porque é muito diferente, vai atrapalhar, vai mudar a ideia, o costume [...] nós vamos ensinar mal, quando nós vamos trazer escola para eles. A escola vai contar muita coisa, vai mudar costume deles, vai mudar muita coisa, ela fala não. Não quiseram trazer escola para nós, né? Só por isso. (...). Mas ela explicava que escola vai mudar muita coisa, coisa dos homens de vocês. Às vezes vocês vão mudar o comer, o falar.

No entanto, o povo Apyãwa sentia necessidade de uma escola, e que nela pudessem se expressar, se comunicar, pois, como diz o EI2, “*nós não sabia falar com pessoas, nós não sabia lutar*”. Quando EI2 afirma que *nós não sabia lutar*, estava se referindo ao processo de demarcação da TI. Naquela época, estavam na aldeia *Orokotãwa*, e havia uma forte pressão por parte de grandes fazendas como, por exemplo, a Fazenda Tapiraguaia, que expandia suas áreas, e os Apyãwa sentiam-se fortemente ameaçados, pois o território que ocupavam anteriormente aos poucos ia sendo engolido pelos fazendeiros. Diante dessa situação, por longos anos os indígenas lutaram pela demarcação da TI Tapirapé/Karajá.

A partir de muitas lutas contra os fazendeiros para a demarcação do território indígena Tapirapé/Karajá, um novo desafio foi pensado pela comunidade, a criação de uma escola na Aldeia, onde nosso povo poderia aprender a ler e escrever. Essa decisão tomada pela comunidade foi motivada pela dificuldade que as lideranças sentiam de dialogar com governantes. Ou seja, para as lideranças contradizerem os interesses dos governantes sobre a questão fundiária. (SILVA, 2019: 57)

Pensada a partir de uma necessidade de uma questão fundiária, o início da educação escolar indígena ocorreu em 1968, quando a professora Wanda (não indígena), chegou à aldeia *Orokotãwa*. Outros docentes passaram pela comunidade, porém não se acostumaram, especialmente pelo fato de terem que morar na aldeia. Dessa forma, Silva (2019: 55), escreve que:

Na década de 70 do século passado, os Apyãwa queriam uma escola para poder aprender a língua portuguesa com o objetivo de entender o que estava escrito nos documentos e poder lutar pelos seus direitos com mais segurança. E solicitaram, então, às Irmãs de Jesus, que levaram esse pedido a Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia na época.

A Escola Tapirapé foi instalada em 1973, e veio o casal de professores Luiz e Eunice. Inicialmente “*foram alfabetizados os jovens e adultos Apyãwa que tinham um pouco de conhecimento da língua portuguesa*”; as aulas na escola da aldeia eram/são consideradas como uma ferramenta complementar, visto que já possuíam/possuem seu próprio sistema educativo (SILVA, 2019: 57). Na sequência, o casal de professores, juntamente com a irmãzinha Mayie e a linguista Yonne Leite, elaboraram uma escrita para a língua Apyãwa, com a finalidade de alfabetizar as crianças na língua materna.

De acordo com EI18, a escola é um local de extensão da educação familiar, pois nela os estudos dizem respeito à manutenção das tradições. Percebe-se a importância que a escola tem, pois, ao mesmo tempo em que é considerada um campo de lutas políticas, também é um espaço de manutenção tanto da cultura como da língua.

As irmãs já haviam dito que a escola iria mudar a vida dos Apyãwa. “*A gente não acreditava, mas mudou mesmo, escola que mudou, é lá que começou, e eu sempre lembro, é na escola que aí mudou as coisas, muita coisa*” (EI2). Na sequência, o entrevistado cita que, atualmente, os mais jovens não participam de algumas danças, afirmam ter vergonha e as mulheres não tomam mais parte dos

cantos. (EI1) afirma que a escola toma muito tempo dos estudantes, pois, em épocas de festas e rituais, quando todos deveriam comparecer, não conseguem se dedicar como era feito no passado, e assim a escola atrapalha. As mudanças a que os entrevistados se referem também foram encontradas nos estudos de Neto (2014). A autora indica uma avaliação e uma reconstrução contínua da escola, a fim de atender as necessidades da comunidade, bem como para minimizar a preocupação em relação ao impacto que a escola pode trazer.

Esses dois depoimentos são de uma ala mais tradicional da sociedade Tapi-rapé; no entanto, a maioria dos entrevistados, não comunga desse pensamento. EI3 reconhece que o mundo está cercado de novos conhecimentos, porém é necessário que se mantenham os costumes e saberes tradicionais, pois, atualmente os Apyãwa que residem na TI Urubu Branco e TI Tapirapé/ Karajá são únicos, não existem Apyãwa em outros lugares. EI23 reforça a necessidade do povo adquirir conhecimentos por meio do estudo, e, ao concluí-los, retornarem às aldeias a fim de dar sua contribuição ao povo Apyãwa.

Nessa linha de pensamento, os entrevistados EI3, EI27 e EI22 afirmam que a formação dos Apyãwa deve perpassar por diferentes áreas de formação. Os três citaram a importância da área da saúde, educação e agricultura, formando uma visão política, pois, a partir do momento em que os conhecimentos abarcam diferentes áreas, os problemas internos da TI terão maior probabilidade de solução.

O grande incentivo à educação tem produzido resultados importantes, pois é grande o número de Apyãwa que possui escolaridade superior, bem como especializações *lato e stricto sensu*, mas a comunidade não soube apresentar os dados quantitativos. Em 2023, havia duas pessoas fazendo doutorado, seis já haviam concluído o mestrado e oito estavam fazendo mestrado (EI4). De acordo com a obra *História da educação escolar Apyãwa* (2018), 30 indígenas tinham concluído ensino superior na UNEMAT, 10 estavam matriculados e 11 tinham concluído curso de especialização. Na UFG, 52 haviam concluído ensino superior e 25 o curso de especialização *lato sensu*.

Essa situação demonstra que os Apyãwa têm a compreensão de que no mundo atual, além dos conhecimentos tradicionais e das leis do povo, faz-se necessária a aquisição de conhecimentos teóricos, técnicos, científicos e jurídicos. A tendência é as novas gerações buscarem níveis de instrução elevados, principalmente o universitário, o que é visto como uma “ferramenta fundamental para compreender e interpretar as políticas públicas, os códigos, as leis, as resoluções nacionais e internacionais da sociedade não-indígena” (ALMEIDA, 2014: 20).

Atualmente, nós estamos inseridos no mundo global, então nós temos de estudar e nos preparar para obter o conhecimento universal, para que nós possamos discutir e dialogar com as autoridades sobre os assuntos referentes aos nossos direitos à educação, saúde, terra e para a elaboração de documentos. (SILVA, 2019: 148)

Durante a vivência das religiosas com os Apyãwa, merece relevo o cuidado que tiveram em preservar a cultura e o modo de viver desse povo, demonstrado pelas falas dos indígenas. Elas motivaram “o povo Apyãwa para manter a cultura. Nunca se interferiu para o povo entrar na igreja então, ela fez uma política para manter o povo Apyãwa, a sua cultura, sua identidade e sua característica” (EI12). “As Irmãzinhas de Jesus foi aceito porque ela nunca proibiu de a gente tá falando nossa língua, nunca proibiu de comer nossos alimentos, nossas culturas, ela só acompanhou” (EI14).

O povo Apyãwa, também agradece muito a irmãzinha devido esse ensinamento de falar português, mas antes disso, o povo Apyãwa aprenderam a falar francês junto

com ela, ela ensinou a falar francês. Só que o francês não tinha adiantado muito, porque nós sempre enfrentamos português, então tinha que aprender o português, principalmente para reivindicar o território, para enfrentar os grandes fazendeiros.
(EI12)

Leonardo Boff, (2013) escreve que, graças à mediação delas, a autoestima dos Apyãwa voltou. Sentiam-se confiantes e fortalecidos. Organizaram-se social e politicamente, para a retomada de seu território ancestral no ano de 1993. Fica evidente que as ações fomentadas por elas desenvolveram diversas capacidades, dentre elas a de lutar e de defender seu território, sua cultura e sua vida. Por isso que nós hoje são assim, sempre lutando, sempre defendendo (EI14).

Ao atuarem na instalação de uma escola indígena, que era uma reivindicação dos Apyãwa, indiretamente viram que o povo tem cada dia mais consciência de seus direitos sobre a terra e da necessidade de intensificar a luta para garantirem seu território (REMY, 2018: 52). Ainda de acordo com Remy (2018: 57), “a escola lhes permitiu assumir (...) a luta pela recuperação de suas terras, ela ainda propiciou a formação de professores Tapirapé, de agentes de saúde, que assimilavam nossos métodos de cuidado”.

O povo Apyãwa assumiu a luta pela posse da terra e, como citou o EI2, por diversas vezes foram a Brasília em busca do território tradicional que era seu por direito. Não obtendo soluções por parte dos órgãos governamentais, em 23 de setembro de 1993, retomaram a área indígena Urubu Branco, que se encontrava em posse de alguns latifundiários. Após inúmeras ameaças de morte e muitos conflitos com os fazendeiros e posseiros, a TI Urubu Branco foi delimitada no ano de 1994, declarada em 1996 e homologada no ano de 1998.

Com seu jeito simples de conviver em meio a eles, participaram do cotidiano, dos problemas, dos conflitos, ou seja, as lutas do povo Apyãwa eram as suas. O respeito e a confiança eram mútuos, elas os auxiliavam em tudo o que estava ao seu alcance. Ações que aparentemente parecem ser muito simples, como cuidar da saúde, ensinar a língua portuguesa, alertar sobre o comércio desigual com os mascateiros, buscar soluções para implantar a escola, auxiliar na leitura e confecção de documentos, contribuíram para o protagonismo do povo Apyãwa.

Considerações finais

No decorrer de 65 anos, muitas irmãs fizeram parte da Fraternidade, porém cabe destacar Genoveva, que chegou com o primeiro grupo, com 29 anos de idade, e permaneceu entre eles até o dia de sua morte (24/09/2013), quando já tinha completado 90 anos. Odila foi a última religiosa a permanecer mais tempo com os Tapirapé e retornou a Paris em janeiro de 2018, encerrando um ciclo de 65 anos na comunidade; porém, a presença dessas religiosas permanece viva na memória cultural do povo Apyãwa.

O encontro das irmãs com os Apyãwa foi um marco na vida da Igreja Católica, em meio aos povos indígenas. A partir da intencionalidade das irmãs em promover o “encontro com um outro”, trilharam um caminho, com uma postura de observação e escuta; aprenderam o que havia de novo, em uma cultura totalmente diferente. Com uma postura dialógica e amorosa, entraram na vida dos *Apyãwa* e viveram como eles. Com sua maneira particular de viver o Evangelho, tornaram-se Tapirapé. A partir do “encontro” entre elas e os indígenas, várias foram as modificações na vida do povo Apyãwa e na vida das religiosas.

No passado, quando elas chegaram, eram apenas 47 indígenas, desamparados, desassistidos... E elas? Vieram com o coração desejoso de os amar e serem

suas irmãs. Com os pés descalços, pisavam no chão sagrado e por eles foram acolhidas. Por meio do exemplo, da vivência, do respeito e do amor, conquistaram o direito de entrar na intimidade desse povo. Para que pudessem sobreviver naquele espaço, onde a cultura predominante era a dos Apyãwa, precisaram ceder em pontos básicos (moradia, alimentação, vida social), oportunizaram um encontro, no qual diferentes estilos culturais conviveram em aberto e igualitário diálogo. Como ponto de convergência, ocorreu a manifestação de novos elementos socioculturais que, por sua vez, resguardaram elementos considerados essenciais na cultura original Apyãwa.

Por se tratar de um povo que estava em vias de extinção, as culturas (dos Apyãwa e das religiosas francesas), em momento algum, tiveram por finalidade o sobrepujamento de uma em detrimento de outra. Ao contrário, distintas forças culturais, de modo intencional, foram utilizadas com o propósito de firmar o modelo autóctone de manifestação cultural dos indígenas. Houve o que por muitos é denominado de hibridismo cultural, que ocorreu da forma mais rica possível, pois, quanto mais extrema for a desigualdade cultural, mais rico torna-se o hibridismo. E, nessa situação, as irmãs eram imigrantes, que deixaram seus países de origem, deslocaram-se ao Brasil e foram conviver em meio aos *Apyãwa*. Nesse caso, o hibridismo é um episódio histórico e social, pois se encontraram com “um outro” e com eles mantiveram contato contínuo por muitas décadas.

Contrapondo a ideia, de muitos autores, de que as irmãzinhas não influenciaram ou não alteram a vida do povo Apyãwa, este estudo demonstra que, a partir de sua vivência em meio a esse povo, houve muitas alterações em seu modo de vida. De acordo com os participantes do estudo, houve a inserção de novos elementos culturais e sociais. Alterações foram realizadas até mesmo antes de sua chegada, quando, por exemplo, foi construída uma “avenida” para esperá-las. Durante o momento da construção da casa delas (da Fraternidade), novos elementos como porta, armários, repartição de cômodos começaram a fazer parte da vida Apyãwa.

No entanto, respeitaram e valorizaram o modo de ser dos indígenas. Tinham a clareza de que estavam lá para fortalecê-los como povo, e para isso, introduziram novos elementos alimentares, a exemplo do uso do leite para as crianças pequenas. Na área da saúde passaram a cuidá-los e promover o uso de medicamentos alopáticos. Em sua organização social, faziam tarefas diferentes, que não eram vistas antes de sua chegada, como, por exemplo, o cultivo de roça por mulheres.

As irmãzinhas tiveram papel fundamental na organização e na luta pelos direitos da sociedade Apyãwa. Quando chegaram, encontraram um povo abandonado e espoliado, dissidentes da grande nação tupi, vivendo em um novo território. Inicialmente, a maior preocupação se dava em relação à saúde, ou seja, com a sobrevivência do povo Apyãwa. Elas foram responsáveis pelo ensino da língua portuguesa, pelo processo de alfabetização que lhes permitiu maior autonomia em contatos com a sociedade não indígena. A escola que foi organizada por eles, a fim de atender suas especificidades, permitiu sair de um processo de desorganização, pois, a medida em que os problemas com a saúde eram minimizados pela presença da Irmãzinhas de Jesus, a escola lhes proporcionava conhecimentos e informações que lhes esclarecia como lutar para recuperar seu território, sendo um apoio na luta pela terra! A presença delas lhes proporcionou confiança! Certos de que o território que ocupavam era insuficiente para sua sobrevivência, e impedidos de entrar em seu território ancestral, decidiram (re)ocupá-lo, pois acreditavam ter o direito ancestral sobre ele.

Durante o período de mais de seis décadas, as religiosas conviveram com eles, presenciaram a retomada de seu território tradicional, hoje homologado, e denominado de Terra Indígena Urubu Branco, no qual estão dispostas oito aldeias, com um número expressivo de pessoas que saltou de 47 para mais de 1.000 indígenas.

Nos relatos dos entrevistados transborda um sentimento de profunda gratidão e a importância das Irmãzinhas de Jesus para o povo Apyãwa, pois contribuíram para a atual formação social e territorial do povo Apyãwa. Em suma, com um coração afetuoso elas os amaram, cuidaram, ensinaram e os viram frutificar, atingindo a missão do fundador da fraternidade Charles de Foucauld: *Converter-se ao evangelho e gritá-lo, não com palavras, mas com a vida. Nada mais* (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002: 20).

Recebido em 27 de fevereiro de 2024.
Aprovado em 2 de outubro de 2024.

Referências

- ALMEIDA, Antonio Cavalcante. Organização Kaingang: o caso das lideranças tradicionais e políticas no Paraná. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, 13 (25), 2014.
- BALDUS, Herbert. *Tapirapé: tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo: Nacional, 1970.
- BOFF, Leonardo. “Morreu a Irmã Genoveva, a parteira do povo Tapirapé”. In: REMY, E. *Parteiras de um povo: 65 anos de presença das irmãzinhas de Jesus junto ao povo Apyãwa-Tapirapé*. Goiânia: Scala, 2018. pp. 100-101.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CARDOSO, João Batista. Hibridismo cultural na América Latina. *ITINERÁRIOS – Revista de Literatura*, 27 (1): 79-90, 2008.
- CASALDÁLIGA, Pedro. *Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*. 1971. Disponível em: < <https://servicioskoinonia.org/Casaldaliga/>
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.
- IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus, de Charles de Foucauld*. São Paulo: Salesiana, 2002.

NAÏMI, Mustapha. (2011). Les petites sœurs de Jésus, en Amazonie, Renaissance de la tribu indienne des Tapirapé. *Archives de sciences sociales des religions*, 156: 200, 2011.

NETO, Maria. Gorete. Bilingual education, indigenous language and culture: the case of Apyãwa Tapirapé. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 14 (2): 335-351, 2014.

REMY, Eliane. *Parteiras de um povo: 65 anos de presença das irmãs de Jesus junto ao povo Apyãwa-Tapirapé*. Goiânia: Scala, 2018.

RIBEIRO, Darcy. Convívio e contaminação: efeitos dissociativos da depopulação provocada por epidemias em grupos indígenas. *Sociologia*, 18 (1): 3-50, 1956.

SILVA, Adailton Alves da. *História da educação escolar Apyãwa*. Tangará da Serra: Ideias, 2019.

TAPIRAPÉ, Comunidade. *Xanetawa Parageta: histórias das nossas aldeias*. Brasília: MEC/SEF/MAR, 1996.

WAGLEY, Charles. *Lágrimas de boas-vindas: os índios tapirapé do Brasil central*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.